

OS TEMAS E OS PROBLEMAS

UM SABER EM ESPIRAL:
DESAFIOS AO CONHECIMENTO
HUMANO NO SÉCULO XXI

NESOLOGIA: PECULIARIDADES
GNOSIOLÓGICAS DAS ILHAS

CONHECIMENTO CIENTÍFICO E
HUMANIZAÇÃO DA PAISAGEM

HISTÓRIA DA MADEIRA

CULTURA, LINGUAGENS E
CRIAÇÃO ARTÍSTICA

EDUCAÇÃO, FORMAÇÃO
HUMANA E PROFISSIONAL
E DESAFIOS DA SOCIEDADE
MADEIRENSE

POLÍTICA, SOLIDARIEDADES,
COMUNICAÇÃO E DIÁSPORAS



Conhecer é a forma suprema da razão humana dominar o mundo, ou seja, de se sentir senhora da vida e da terra habitada. A sistematização do conhecimento de forma distinta e organizada por disciplinas decorre, entretanto, da vontade de ordenar o caos do saber. O conhecimento sistemático oferece-nos então um mapa orientador, que nos dá a impressão pacificante de que abarcamos a realidade e dominamos o caos.

Cada época cultural sentiu a necessidade de realizar esta sistematização, quer em versão de compêndios multidisciplinares, quer em versão de enciclopédia.

Esta obra resulta justamente de um evento científico realizado no quadro de um grande projeto de produção de um novo saber enciclopédico sobre a região autónoma da Madeira.

Foi a partir dos resultados de pesquisa e das reflexões apresentadas nesse evento que esta obra se estruturou, assumindo-se que o maior dos desafios seria uma aposta forte na interdisciplinaridade e na discussão das suas possibilidades e dos seus limites em tempos de acentuada especialização.

Os que se interessam pelos temas madeirenses, articulados e enquadrados por reflexões epistemológicas que interessam à problematização do processo de produção de conhecimento no século XXI, encontrarão aqui, com certeza, leituras estimulantes.

QUE SABER{ES}
PARA O SÉCULO XXI?



HISTÓRIA, CULTURA E
CIÊNCIA NA MADEIRA



QUE SABER{ES} PARA O SÉCULO XXI?

HISTÓRIA, CULTURA E CIÊNCIA NA MADEIRA



COORDENADORES
JOSÉ
EDUARDO
FRANCO
E CRISTINA
TRINDADE

COORDENADORES
JOSÉ EDUARDO FRANCO
E CRISTINA TRINDADE

OS AUTORES

Alberto Vieira
Aline Bazenga
Ana Cristina Trindade
Ana Londral
Annabela Rita
Carla Lucas
Carlos Valente
Catarina Faria
Cristina Coelho
Cristina Trindade
Custódia Drumond
Daniela Marcheschi
Ernesto Rodrigues
Filipa Oliveira
Guilherme Silva
Isabel Santa Clara
Jacinto Jardim
Joana Balsa de Pinho
João David Pinto Correia
João Relvão Caetano
Jorge Freitas Branco
José Eduardo Franco
José Manuel Paquete de Oliveira
José Renato Gonçalves
Luís Machado de Abreu
Luísa Marinho Antunes
Luísa Soares
Marc Augé
Miguel Sequeira
Nelson Veríssimo
Paulo Miguel Rodrigues
Raimundo Quintal
Rui Carita
Simão Silva
Teresa Norton Dias
Thierry Proença
Thomas Dellinger
Viriato Soromenho-Marques

Projeto 'Aprender a Madeira – Dicionário de História da Madeira'
apoiado pelo programa Intervir +
www.aprenderamadeira.net

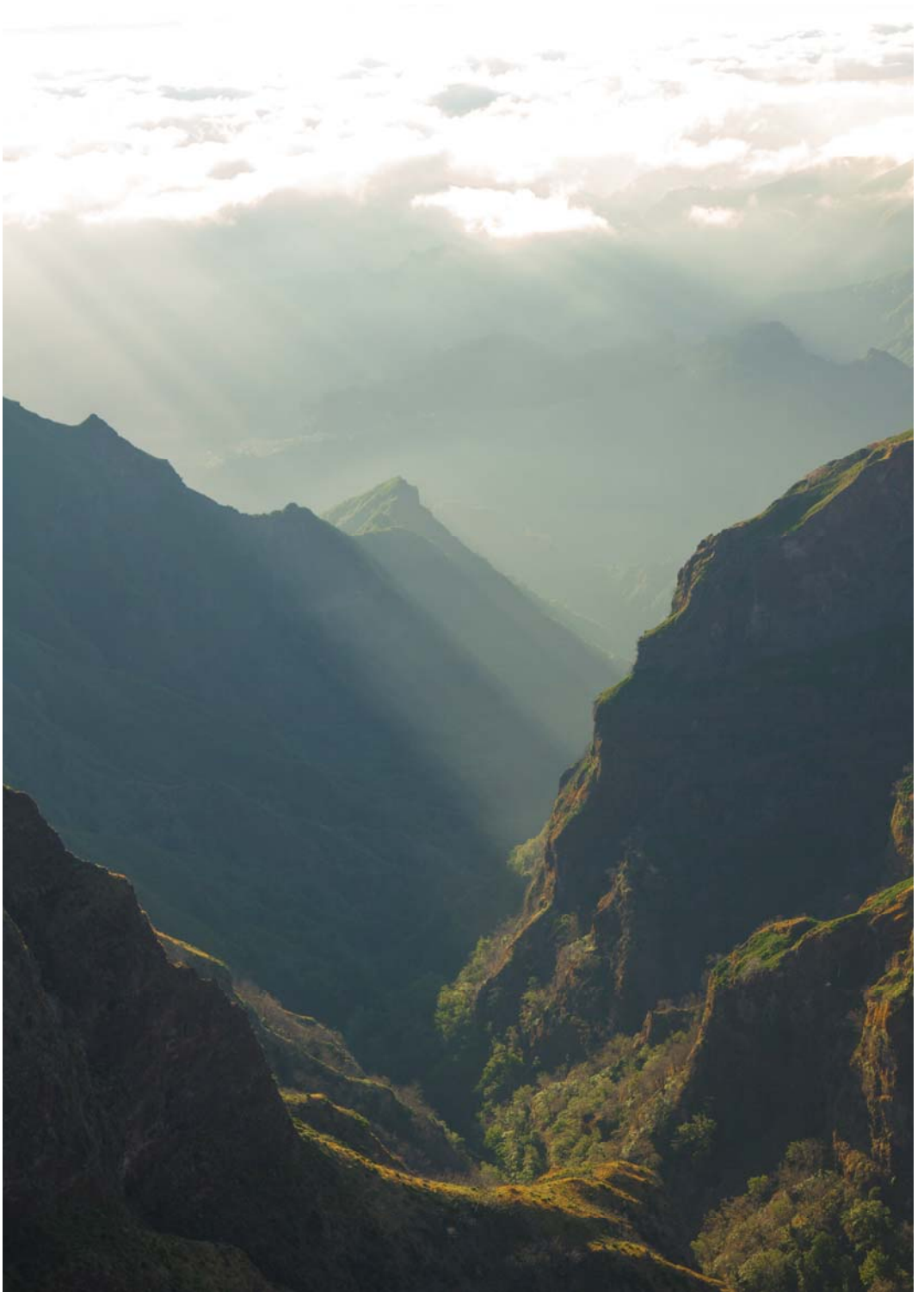
ISBN 978-989-680-133-5
9 789896 801335

CLEPUL Centro de Literaturas e Culturas Lusófonas e Europeias
Faculdade de Letras da Universidade de Lisboa

ESFERA DO CAOS EDITORES

ESFERA DO CAOS
EDITORES

apca



• COLEÇÃO ESTUDOS INSULARES •

DIREÇÃO

José Eduardo Franco
José Manuel Paquete de Oliveira

CONSELHO CIENTÍFICO CONSULTIVO

Alberto Vieira, Aline Bazenga, Ana Rita Londral
Carlos Valente, Cristina Trindade, Custódia Drumond
Eduardo Jesus, Isabel Santa Clara, Jacinto Jardim
João David Pinto-Correia, Jorge Freitas Branco
José Agostinho Jardim Gonçalves, Luísa Marinho Antunes Paolinelli
Luísa Soares, Miguel Sequeira, Nelson Veríssimo
Paulo Miguel Rodrigues, Raimundo Quintal, Renato Gonçalves
Rui Carita, Saturino Gomes, Sílvio Fernandes, Simão Daniel Silva,
Teresa Norton Dias, Thierry Proença, Thomas Dellinger

A condição insular foi geradora de cultura, de literatura, de modos de estar e de pensar com matizes peculiares conferidos pela mundividência de quem nasceu com a marca de ter o mar como grande e vasta fronteira. Esta coleção pretende publicar obras sobre autores, temas e problemas que valorizem a herança cultural gerada nas ilhas, nomeadamente nas ilhas portuguesas.

QUE SABER{ES} PARA O SÉCULO XXI?

HISTÓRIA, CULTURA E CIÊNCIA NA MADEIRA

Esta obra foi publicada no âmbito do projeto
'Aprender a Madeira – Dicionário de História da Madeira',
apoiado pelo programa 'Intervir +' www.aprendermadeira.net

TÍTULO

Que Saber(es) para o Século XXI?
História, Cultura e Ciência na Madeira

COORDENADORES

José Eduardo Franco e Cristina Trindade

AUTORES

Alberto Vieira, Aline Bazenga, Ana Londral, Annabela Rita
Carla Lucas, Carlos Valente, Catarina Faria, Cristina Coelho
Cristina Trindade, Custódia Drumond, Daniela Marcheschi, Ernesto Rodrigues
Filipa Oliveira, Guilherme Silva, Isabel Santa Clara, Jacinto Jardim
Joana Balsa de Pinho, João David Pinto-Correia, João Relvão Caetano
Jorge Freitas Branco, José Eduardo Franco, José Manuel Paquete de Oliveira
José Renato Gonçalves, Luis Machado de Abreu, Luísa Marinho Antunes
Luísa Soares, Marc Augé, Miguel Sequeira, Nelson Veríssimo
Paulo Miguel Rodrigues, Raimundo Quintal, Rui Carita, Simão Silva
Teresa Norton Dias, Thierry Proença, Thomas Dellinger, Viriato Soromenho-Marques

DIREITOS RESERVADOS

© Esfera do Caos Editores, APCA e Autores

DESIGN DA CAPA

DesignGlow

FOTOGRAFIAS EXTRA-CAPÍTULOS

(SEPARADORES DE PARTES E SECÇÕES, E PÁGINAS INICIAL E FINAL)

© Florentino Bernardes Franco

IMPRESSÃO E ACABAMENTO ACD PRINT

DEPÓSITO LEGAL 385734/14

ISBN 978-989-680-133-5

1ª EDIÇÃO Dezembro de 2014

ESFERA DO CAOS EDITORES

Campo Grande
Apartado 52199
1721-501 Lisboa

www.esferadocaos.pt

APCA – AGÊNCIA DE PROMOÇÃO DA CULTURA ATLÂNTICA

Estrada Comandante Camacho de Freitas, 516
9020-152 Funchal

www.apca-madeira.org

QUE SABER{ES} PARA O SÉCULO XXI?

HISTÓRIA, CULTURA E CIÊNCIA NA MADEIRA

COORDENADORES

JOSÉ EDUARDO FRANCO
E CRISTINA TRINDADE


ESFERA DO CAOS
EDITORES


apca
AGÊNCIA DE | PROMOÇÃO DA CULTURA ATLÂNTICA

Literatura e literatos: questões e contornos da literatura produzida na Madeira e sobre a Madeira

Luísa Marinho Antunes

Universidade da Madeira

Quando o poeta madeirense Manuel de Noronha se apresentou com ceroulas de chamelote na corte de Castela, estranha e despropositada indumentária que atraiu a atenção e o riso dos vários poetas presentes, originou um conjunto de composições de cunho satírico, recolhidas no *Cancioneiro Geral* de Garcia de Resende, publicado em 1515. Lançado o rifão por António de Valhasco, castelhano, o assunto das ceroulas teve ajudas e foi motivo para ridicularizar os poetas portugueses. Francisco da Silveira vem, no entanto, precisar:

*Grande corte de Castilha,
nem hajaes por maravilha
Manuel calçar-se mal,
que nam é de Portugal,
mas é da Ilha¹.*

Querendo rir dos portugueses, os castelhanos tornam-se alvo do riso, pelo equívoco de confundir Portugal com a Madeira. O espaço insular é não só dimensionado como lugar de provincianismo, mas também como espaço da ingenuidade, do desconhecimento – pois onde é que se viu “tratar mal/um inocente da Ilha!” –, e como lugar das inversões, onde tudo pode parecer natural, como é o entendimento de Diogo Brandão:

*Neste traje s’afirmou
qu’os da Ilha faram tudo,
que ja lá outro s’achou*

¹ *Cancioneiro Geral de Garcia de Resende*, vol. 3, fixação do texto e estudo por Aida Fernanda Dias, Lisboa, Imprensa Nacional-Casa da Moeda, 1993, p. 256.

que frisou
duas peças de veludo².

O que só demonstra que a ideia de distância, não só geográfica, mas também social, entre Portugal e a Ilha vem de longe. E se João Gomes de Abreu, o outro poeta madeirense da comitiva, não aceita o argumento da naturalidade de Noronha, culpando-o de ter uma personalidade fria e sem sabor, já o visado Noronha responde considerando as poesias mal feitas, por isso, motivo mais genuíno de troça do que as ceroulas. Ninguém quer ser motivo do riso ou confundir-se com ele, mas a sátira é também um espelho no qual se refletem, num primeiro momento, a relação Castela-Portugal e, depois, a de Portugal-a Ilha.

Apesar de já estar patente nestas composições a consciência de uma diversidade geográfico-cultural, a poesia dos oito poetas da Madeira presentes no *Cancioneiro* não constitui, do ponto de vista estético, um ciclo distinto, dada a filiação à escola portuguesa e espanhola da poesia palaciana da época. O facto é que demonstram a existência de um dinamismo que levará Teófilo Braga a afirmar que a Ilha da Madeira tinha a honra e o orgulho de possuir uma “Escola Literária” bem definida e que florescia³ já no seu mais remoto período literário. Não querendo, no entanto, entrar nesta matéria – que exige uma reflexão que não cabe neste momento no propósito deste texto – sublinha-se o interesse dos estudiosos ao longo de vários séculos em individuar e caracterizar a literatura na Madeira: do Dr. Álvaro Rodrigues de Azevedo (que, em “Notas” a *Saudades da Terra*, de Gaspar Frutuoso, divide em cinco o movimento literário “desta província adjacente” – aristocrático, monárquico-clerical, inter-monárquico-liberal, monárquico-liberal⁴), no século XIX, ao Visconde do Porto da Cruz, com *Notas e Comentários para a História Literária da Madeira*⁵, já no século XX, até à produção atual de ensaística e às antologias, como a da responsabilidade de Rui Carita,

² *Idem*, p. 261.

³ Cf. *Poetas Palacianos*, Porto, Imprensa Portuguesa, 1871, pp. 93-96.

⁴ “Notas”, in *As Saudades da Terra – História das Ilhas do Porto Sancto, Madeira, Desertas e Selvagens*, Gaspar Frutuoso, anotado por Álvaro Rodrigues de Azevedo, Funchal, Typ. Funchalense, 1873, pp. 773-803.

⁵ *Notas e Comentários para a História Literária da Madeira*, Vols. I-III, Funchal, Câmara Municipal do Funchal, 1910-1952.

Ângela Borges e Isabel Stephan, intitulada *Antologia Literária – Madeira*⁶, publicada, em 1986, em quatro volumes, o estudo das questões literárias e a preocupação com a sistematização dos movimentos literários na Madeira tem-se mantido.

Há, no entanto, um fator que, por vezes, se tem revelado paralisante nos estudos sobre a literatura madeirense, ou sobre a literatura da/na Madeira, precisamente pela discussão – recorrente, tornando-se por vezes o epicentro dos discursos literários e culturais –, sobre a concepção de “literatura madeirense”, confundindo-se regional com tentativa ou manifesto de independência da literatura nacional, ou, por outro lado, com regionalismo, ou com literatura de segundo plano. A questão, com implicações várias, de que é exemplo o texto *Distribuição de uma Biblioteca Essencial de Literatura Madeirense pelas escolas da RAM: legitimidade ou arbitrariedade curricular?*⁷, de Jesus Maria Sousa e Carlos Nogueira Fino, que questiona a validade do conceito de “literatura madeirense”, recorrendo a um sistema de entrevistas a vários professores, escritores e investigadores, tem por efeito desorientar possíveis interessados e estudiosos no aprofundamento de autores, obras, relações escritores-público, circuitos editoriais, contribuições para periódicos, deixando na literatura madeirense um vasto campo de pesquisa a fazer. Na verdade, se o objetivo primeiro se prende com a ideia de contestar ou defender a existência da literatura madeirense, não se estuda a literatura, e o debate torna-se circular e infrutífero.

E esse debate infrutífero, sem ser baseado e apoiado nas bases científicas e técnicas que os especialistas podem oferecer, espelha-se nas respostas dos entrevistados à questão colocada pelos autores do estudo, na “tentativa de clarificar o conceito de ‘literatura madeirense’”, que se baseiam em opiniões, juízos de valor e tomadas de posição subjetivas, sintoma de uma confusão de conceitos e definições. Sintoma de que é exemplo a intervenção de um dos sujeitos questionados, cuja opinião é a de que existe “quem queira desesperadamente criar artificialmente

⁶ *Antologia Literária, Madeira*, Vols. I-IV, Funchal, Secretaria Regional da Educação, 1986.

⁷ O texto, apresentado no “Colóquio sobre Formação de Professores – Mudanças educativas e curriculares... e os educadores/professores?”, em 2004, encontra-se disponível no site da Universidade da Madeira: <http://www3.uma.pt/jesussousa/Tribuna/41Literaturamadeirenselegitimidadeouarbitrariedadecurricular.pdf>

uma ‘literatura madeirense’ porque só num meio limitado e de liberdade intelectual cerceada por políticos ignorantes é que é possível chamar-se-lhes escritores”⁸. Os autores do artigo concluem, baseados nas várias e díspares posições, que o que existe, comprovadamente, segundo consideram, é uma vontade e uma estratégia política de impor a existência da literatura madeirense, recorrendo, na segunda parte do artigo, à teoria do currículo para explicar a validade ou não de uma possível “Biblioteca Essencial de Literatura Madeirense”. Segundo este entendimento do fenómeno, a afirmação da existência da literatura madeirense seria marcada por propósitos de tipo independentista ou de afirmação identitária regional *versus* pertença nacional, baseando-se apenas na vontade e não na concretude.

Há ainda, todavia, um outro discurso que pesa sobre a literatura madeirense, e que também aflora de forma recorrente a questão da sua inexistência por falta de qualidade de escritores e poetas, patente também nas palavras dos entrevistados do estudo referido: “Os madeirenses não produziram muitos grandes e bons escritores, de modo a haver quem lá fora se refira, positiva e não pejorativamente, a uma ‘literatura madeirense’. [...] Há gente a quem alguns chamam escritores e poetas e que se limitaram a publicar meia dúzia de versos ou numa comunicação social medíocre ou nuns míseros opúsculos em edição de autor”⁹, afirma um dos colaboradores da pesquisa. A confusão entre critérios de aferição de qualidade e critérios para a afirmação da existência da literatura madeirense é óbvia e permite que se dimensione, por isso, a “literatura madeirense” como definição de tipo pejorativo, provinciano e sem qualidade, e, como tal, sem projeção nacional.

O facto é que, face a estas opiniões e afirmações, que, apesar de não serem apoiadas na objetividade e no rigor, prescindindo de questionar os fundamentos, dominam a discussão sobre a validade de uma literatura madeirense sempre que esta é despertada, toca aos estudiosos da literatura trabalhar mais e dar também a conhecer mais. É esse justamente o objetivo que o Dicionário Enciclopédico promove – o de criar a atmosfera e as condições necessárias para que a literatura madeirense seja vista de dentro e de fora, com contribuições que a enriqueçam e

⁸ *Op. cit.*, p. 8.

⁹ *Ibidem.*

que iluminem zonas desconhecidas. Esta via de entendimento é um passo fundamental, como escreve Fernando Cristóvão, a propósito da literatura como sistema nacional, para “se fugir ao ilogismo” e às “justificações baseadas em desculpas de simples utilidade pedagógico-didática, tradição historiográfica, insolubilidade da questão...”¹⁰

Seguindo a proposta deste estudioso sobre a literatura como sistema comunicativo “segundo, de carácter estético, intrinsecamente ligado ao esquema comunicativo primeiro da linguagem”¹¹, a literatura madeirense como literatura regional deve ser entendida como riqueza, e não dissolvida numa categoria de provincianismo ou falta de qualidade. Baseado nos três elementos da comunicação linguística – emissor, mensagem, recetor – o sistema apresenta, em termos da comunicação estética, o autor (emissor), as obras literárias (mensagem) e os leitores (recetores), num determinado contexto – aquele que suporta mais diretamente o autor (as escolas, as academias, as bibliotecas, as fontes de cultura, etc.); o da obra (editoras, livrarias, revistas...); e o do público (do leitor comum aos investigadores). Este sistema funciona como um todo coerente, no qual cada elemento se relaciona e condiciona de forma determinante o outro, permitindo que se reconheça um património como próprio. Como afirma justamente Fernando Cristóvão, há a consciência, assim, de “uma tradição que é, simultaneamente, repositório e elemento vivificador de identidade. Onde o escritor possa imaginar o seu público, e onde os leitores saibam distinguir os ‘seus’ dos ‘outros’.”¹² Uma literatura nacional pode, nesta perspetiva, ter várias literaturas regionais e pode, também, pertencer a sistemas mais amplos, como o é, por exemplo, o da literatura europeia.

O entendimento geral, todavia, parece considerar a literatura regional como literatura de segunda, tipificando-a como mais limitada e menos universal. O facto é que o “regional”, adjetivo que parece sofrer de um defeito de origem, estreito, de estatuto menor, que tende a excluir os “grandes” autores, aqueles que passam a suprarregionais, representa, na sua aceção objetiva, uma realidade geográfico-cultural na qual circulam autores, leitores, editores e estudiosos. Como defende Norbert Mecklen-

¹⁰ Fernando Cristóvão, *Cruzeiro do Sul a Norte. Estudos Luso-Brasileiros*, Lisboa, Imprensa Nacional-Casa da Moeda, 2005, p. 13.

¹¹ *Ibidem*, p. 27.

¹² *Op. cit.*, p. 28.

burg¹³, “regional” é uma literatura limitada do ponto de vista da produção, difusão e prestígio a uma região, mas que não impede a passagem de autores e obras a uma posterior difusão suprarregional. Sendo também válido o contrário: há autores que têm uma difusão mais ampla que, por vezes, depois da sua morte, acabam por ter apenas uma difusão regional ou preferencialmente regional. O enfoque não é a qualidade, mas os aspetos de natureza da circulação e da receção das obras.

O ponto de vista de uma região cultural como riqueza contraria a ideologia de um estado unitário e é importante porque perspetiva a ideia da modernidade como soma das contribuições das várias regiões que constituem uma nação, isto é, entende-as como prestigiantes para o todo¹⁴. Assim, a literatura regional tem no espaço nacional um significado extraordinário ao reconhecer-se a complementaridade entre globalização e regional, entre centro e periferia, dando-se às obras a dimensão da possibilidade de criarem uma consciência maior. A partir dos anos oitenta, enraizar-se no local apresenta-se como superação da modernidade, numa nova ideia de cultura em que se pensa o global a partir do agir localmente. E a literatura é uma riqueza local, porque, mesmo perspetivando a questão além do interesse coletivo, o autor, o romance, a crónica que está mais próxima do leitor é aquela que este sente mais sua e que mais o modifica.

Muitos autores contemporâneos sentem, todavia, que é estreita a etiqueta de “regional”, porque a confundem com regionalismo, com o empenho de promoção da região, entendido por alguns, erroneamente, como declaração de ligações com as parentelas locais. Mas “regional” tem uma conotação de pertença, também geográfico-cultural, que de facto existe, porque nesse espaço preferencial circulou, ou circulam, as suas obras e nele está o público que foi ou é o seu primeiro público, o que

¹³ Norbert Mecklenburg, *Erzählte Provinz: Regionalismus und Moderne im Roman*, Königstein/ Ts., Athenäum, 1982. Seguem o autor também Martin Brunkhorst, Heinrich Bosse, and Elke Frederiksen, como aponta Arne Koch (*Between National Fantasies and Regional Realities - The Paradox of Identity in Nineteenth-Century German Literature*, Oxford-Wien, Peter Lang, 2006).

¹⁴ V. a propósito da representação da questão identitária como sobreposição de elementos nacionais e regionais no romance contemporâneo, o texto Federica Pellegrini, no qual a autora defende a ideia de que num mundo globalizado, com diferenças culturais e linguísticas sempre mais reduzidas, os escritores italianos contemporâneos tendem a definir a sua identidade através de um regresso à terra das suas origens: Federico Pellegrini, *Il romanzo nazionale-regionale nella letteratura italiana contemporanea*, Bruxelles-Wien, Peter Lang, 2014.

nada tira à qualidade e não é sinónimo de falta do produto literário. Aliás, autores como Jorge Amado sentem-se orgulhos de pertencer à literatura baiana e à literatura brasileira. O escritor Salim Miguel, com o prestígio que conseguiu a nível nacional e internacional, não desdenha ser um representante da literatura catarinense. Luigi Pirandello é um escritor italiano, mas também importante no âmbito da literatura siciliana. De igual modo, no caso, por exemplo, da literatura açoriana, dimensionada como uma literatura de qualidade, com base em figuras como Vitorino Nemésio, de dimensão nacional, que a legitimam, o regional não sofre tanto do preconceito de estreiteza ou de fraca qualidade.

O facto é que os protagonistas da literatura madeirense – poetas, narradores, romancistas, dramaturgos, maiores ou menores –, formam um “universo literário”, um mosaico composto de muitas peças no panorama da literatura regional e suprarregional, ocupando em cada sistema posições diferentes, de acordo com o que é valorizado num determinado momento no interior desse sistema.

É óbvio que o fenómeno de regionalização da região – enquanto “acomodação da região a uma imagem literária da literatura regionalizada”, como escreve João Cláudio Arendt¹⁵ – faz com que os estudiosos acabem por se sentir mais atraídos por escritores ou poetas regionalistas, que promovem a imagem da região com características mais marcadas de cor local, com particularização de ambientes, humanos e naturais, dialetos, etc., em detrimento dos que optam por outras vias, menos ou nada regionalistas (caso, por exemplo, da obra de Ana Teresa Pereira, menos estudada na região do que fora dela, talvez também pelo carácter mais suprarregional, tida por menos agradável porque menos regionalista). Ora, a literatura regional, como lembra Jürgen Joachimsthaler, “não precisa ser necessariamente uma literatura estético-real idealizadora do torrão natal”¹⁶ nem sinónimo de “monoculturalização retórica”, separando-se artificialmente das identidades nacionais ou supranacionais.

Para legitimar a ideia de uma literatura própria, como expressão de uma identidade diferenciada, verifica-se, todavia, a tendência da crítica e do estudo da literatura regional, como aponta justamente Mecklen-

¹⁵ João Cláudio Arendt “Contribuições alemãs para o estudo das literaturas regionais”, *Pandaemonium*, São Paulo, n. 17, Julho/2011, p. 225 (pp. 217- 238).

¹⁶ Jürgen Joachimsthaler, “A literarização da região e a regionalização da literatura”, *Antares*, n.º 2, jul-dez 2009, p. 37 (pp. 27-60).

burg, para erigir uma ou duas figuras que marcam a região, isto é, que estão mais próximas das tendências regionalistas, desenvolvendo à sua volta a maior parte da investigação. O mesmo se passa com os autores que passaram a suprarregionais: escolhem-se os mais marcados por características regionalistas como “estandartes” da literatura regional.

Esta é, no entanto, uma perspectiva redutora no que toca a regiões como a da Madeira, de vivências pluriculturais que não se excluem umas às outras e de realidades diferentes que convivem no mesmo território, porque privilegia uma ideia do regional delimitada, homogeneizada, que tem ancoragem apenas no espaço tido como significativo, geralmente mitificado, e numa ideia de identidade coletiva única. Joachimsthaler entende que essa definição de literatura regional se interessa de preferência pelos elementos semânticos “formadores de sentido, que produzem uma consciência regional esteticamente comunicativa em si mesma”¹⁷. Ora, o problema está não no que a definição inclui, mas no que exclui; isto é o que não parece responder à ideia de regionalista, o que não tem aparentemente ligação com a consciência regional, porque privilegia outras realidades ou relações, mas que pertence, apesar disso, ao sistema comunicativo regional.

Uma outra questão relevante prende-se com a definição de literatura na Madeira/da Madeira, entendida como diversa de literatura madeirense, lugar de hesitação para muitos investigadores que ora optam por uma ora por outra, por vezes usando-as como sinónimos, outras como forma de fugir ao conceito de literatura madeirense pelos preconceitos já evidenciados. Jens Stüben considera que à literatura regional se deve juntar a na/da região¹⁸, diferente desta porque fora sistema. Na verdade, o intercâmbio entre um dado espaço geográfico e cultural e o espaço estético em que ele é entendido, transformado e que nele se inspira para a criação, pode dar-se num outro sistema, nacional ou estrangeiro. E, por vezes, até pode refletir-se e influenciar a própria literatura regional, com imagens, temáticas e motivos que entram num jogo de espelhos.

Na literatura na/da Madeira inclui-se, assim, por exemplo, a literatura de viagens de autores de fora, ou a de escritores de outros sistemas

¹⁷ *Op. cit.*, p. 34.

¹⁸ “‘Regionale Literatur’ und ‘Literatur in der Region’”, *Regionalität als Kategorie der Sprach- und Literaturwissenschaft*, Jürgen Joachimsthaler (org.), Frankfurt, 2002, *apud* João Cláudio Arendt, *op. cit.*, p. 224.

cuja atmosfera natural ou humana é marcada pela região. Isto é, ainda que a interação entre emissão-mensagem-receção não seja a do sistema comunicativo regional, há autores e obras marcados pela região e, por isso, a sua produção literária pode ser estudada como “da” e “na” região, e é igualmente importante para o estudo da literatura regional, porque muitas vezes tem um papel relevante na autoconsciência coletiva, atuando indiretamente, segundo o citado estudioso alemão, sobre a produção e a receção da literatura a nível regional e suprarregional.

Por isso, numa história literária de contornos regionais, tendo como base um conceito bastante amplo de literatura, estas obras e autores deveriam também estar presentes ao lado das que surgem na região, das que foram escritas para o público regional, das que resultam da experiência direta de interação, das publicadas numa editora ou num órgão de imprensa da região. Isto é, esta história literária incluiria as obras escritas por autores que viveram na região e que são por ela inspiradas, as impregnadas de lugares de memória mitificados, as que têm com a região estreitos laços temáticos. Estaria, desta forma, justificada a presença e estudo de autores como Agustina Bessa-Luís ou Natália Correia como protagonistas da literatura na/da Madeira e, daí, de uma história literária da Madeira.

Entendamos, então, a literatura madeirense como um lugar flexível, em contínua redefinição, contaminável e contaminador. Desta forma, permite-se e incentiva-se o estudo sem preconceitos desta realidade regional literariamente significativa, olhando-a a partir de vários modelos de análise, unindo também a análise cultural ao estudo literário, para num futuro podermos desenhar perfis histórico-culturais-literários.

Para o que é que o Dicionário que agora se realiza contribui e contribuirá? Sem pontos de vista estabelecidos *a priori* de forma rígida, sem procurar paradigmas literários, abrindo-se ao estudo de investigadores de todo o país e estrangeiros, e incentivando particularmente os do panorama regional, leva-os a descobrir fontes, a “matéria-prima” que é o documento – textos, correspondência, testemunhos – convidando-os a ler de novo, a comunicar com os colegas que vão juntando peças, indícios, para a formação do mosaico. Leva-os a procurar o universo do livro, da revista e do jornal. Convida-os a encontrar o que estava esquecido, unindo passado, presente e futuro.

No percurso até agora percorrido, os autores do *Dicionário Enciclopédico da Madeira* têm já encontrado caminhos a explorar que

estavam ainda pouco trilhados, como, por exemplo, aquele em que se encontra um vasto número de mulheres escritoras e colaboradoras da imprensa, com obra pouco estudada, ou a literatura de viagem de madeirenses, menos analisada do que a literatura de viagens que tem a Madeira como destino, com diversos diários e relatos de viagem de vários escritores, ou ainda os relatos de guerra, o teatro, etc.. Mas, a pesquisa não se limita aos autores, períodos literários e obras, como também será dedicada às instituições, escolas, grupos literários, prêmios, todos eles importantes para recuperar ou rever conhecimento.

O Dicionário representa, desta forma, a possibilidade de aquisição de um conhecimento sistemático que tem como objetivo abrir novos caminhos e permitir o acesso a autores, movimentos, bibliografia que, em princípio, gerará mais conhecimento, valorizando o que o vasto panorama literário tem para oferecer. No fundo, serve para que não se faça hoje a crítica que já apontava, em 1947, o Padre Fernando Augusto da Silva, a propósito da falta de estudo na ilha da figura de Gaspar Frutuoso, considerando os “esquecidos e retardatários madeirenses” por oposição aos “nossos irmãos açorianos, mais justamente ciosos do valor, méritos e virtudes dos seus conterrâneos do que nós”, que já tinham, desde 1922, tratado as suas obras, com “proficientes estudos”, “apreciação científica e literária” e “notícia bibliográfica”¹⁹.

¹⁹ Fernando Augusto da Silva, *Pela História da Madeira – Digressões através de alguns livros e arquivos*, Funchal, Câmara Municipal do Funchal, 1947, p. 135.